

“HONRA TEUS AVÓS”

MUSEU  
ROQUE GAMEIRO

MINDE



ROQUE GAMEIRO

Foto de San-Payo

# ROQUE GAMEIRO

Extraído do texto de TERESA LEITÃO DE BARROS para o catálogo da primeira Exposição retrospectiva da sua obra.

.....

«Nascido em Minde, concelho de Porto de Mós, a 4 de Abril de 1864, Alfredo Roque Gameiro viveu quase sempre nesta cidade de Lisboa, que, como ele próprio escreveu, deslumbrou o seu provincianismo «ingénuo, moço e ignorante» e à qual prestaria o inestimável serviço — depois da sua morte recompensado com a Medalha de Ouro de Mérito Municipal — de gráficamente deixar documentado, em admiráveis cartões, quanto da sua mais expressiva fisionomia se ia lamentavelmente perdendo.

Vinha para seguir estudos que lhe permitiriam ser oficial de marinha. Como a cidade o atraía, para tanto lhe ficar devendo, também o mar o chamava, como pressentindo que nele encontraria um dos seus mais inspirados intérpretes. Por que renunciou à carreira escolhida? Talvez quando se convenceu, ao ver surgir o sol para além de montes distantes, que em qualquer amplo horizonte saberia descobrir cem motivos de beleza.

À feliz circunstância de pertencer a um seu irmão a mais categorizada oficina litográfica do país, nas últimas décadas do século passado, deveu a possibilidade não só de desenvolver as suas naturais tendências e de adquirir grande prática de desenho e composição — um dos segredos da espontaneidade de todo o seu labor artístico — como de conquistar facilmente um lugar de professor de desenho do ensino técnico, e, nessa qualidade, ir, em 1893, como pensionista do Estado, frequentar a prestigiosa Escola de Artes e Ofícios de Leipzig.

Embora premiado e estimadíssimo pelos professores estrangeiros, a nostalgia amargura-o e obriga-o a voltar, decorridos pouco mais de três anos, a Lisboa, onde a sua chegada significa uma verdadeira revolução nas artes gráficas, extraordinariamente desenvolvidas e valorizadas por sua iniciativa e por novos processos que descobre.

A fundação, em 1892, da Sociedade dos Aquarelistas Portugueses oferece-lhe a primeira oportunidade de revelar o seu entusiasmo por uma técnica artística sem tradições em Portugal e de receber alguns ensinamentos do artista espanhol Casanova, que também orientou a vocação para o desenho e pintura de el-rei D. Carlos. Mas Roque Gameiro, evidentemente, não precisava de lições: a sua personalidade artística — diz-nos a mais autorizada crítica da época — logo se firma tão eloquentemente que, a partir da primeira vitória no primeiro Salão do Grémio Artístico — onde a sua *Ponta dos Corvos* obtém uma 3.<sup>a</sup> medalha — nunca mais deixa de marcar a sua presença em Exposições por meio de êxitos e recompensas, no meio de louvores unânimes. E é curioso observar, principalmente quando, a todo o momento, se erguem temporais ao sopro de pobres vaidades feridas, como o insigne Mestre subiu, um por um, não lenta mas sèriamente, com honrada pertinácia e simpática paciência — muito para louvar porque devia ter a perfeita consciência do seu valor — todos os degraus que o levariam às consagrações definitivas: à terceira medalha seguiu-se a segunda, e a esta, a primeira... Já talvez na sua barba alourada e na sua «cabeça à Daudet» — como disse um crítico portuense no tempo em que Ramalho o retratou numa das suas mais felizes telas — os primeiros cabelos brancos alvejassem, quando vieram as medalhas de honra, os *hors-concours* decisivos, a calarem todas as ambições de glória mas não a dominarem um sempre vivo anseio de conseguir mais e melhor, tão prodigiosamente testemunhado pelas suas últimas obras, geradas sob o signo crepuscular da morte e do sofrimento».

Do prefácio de AFONSO LOPES VIEIRA no livro «Lisboa Velha».

.....

«Pertence o mestre Roque Gameiro àquela boa raça dos artistas com solidez — solidez em tudo, na arte e na vida. Este feitio de homens — cada vez mais raros em um tempo em que a tantos avassala a corruptora tentação do Dinheiro — alicerça-se em bases que continuam a ser e sempre hão de ser, as mais belas: na altura moral de suas dignidades, na técnica poderosa e seriíssima das suas obras, e na limpidez, carinho e ambiente de seus lares, de que a Casa da Amadora se enobrece como exemplo.

Do lar patriarcal de Roque Gameiro têm saído, para seguirem claros rumos de vida, as Filhas do Artista, discípulas do seu pai, artistas, elas próprias, de probo, gracioso e original talento. E, ao calor da lareira em cuja fábrica piedosamente colaboraram as suas mãos e as de todos os seus, a vida do bom mestre tem decorrido, serena no labor, segura nos triunfos, honrada nos êxitos.

Mas este homem caseiro, que estima, ao jeito dum flamengo, o recato dos interiores, pertence também à grande escola dos artistas caminheiros, os quais elegem para oficina de trabalhos os campos e as praias, os vales e os montes, se embehem de luz e de ar livre, se encantam com a cor e a linha dos aspectos e com o carácter das gentes que os povoam. O grande desenhador e aquarelista conhece a palmas a terra da sua Pátria, por onde há mais de quarenta anos jornada. Sempre vestido de briche nacional, rude estofado tão azado para as calmas do Verão como para os frios de Inverno, este homem, moço de espírito, achou o segredo da perpétua juventude no enternecimento com que jamais se cansa de colher as fisionomias doces, severas ou amplas, da Grei».

De ARTUR PORTELA, por ocasião da morte do artista.

.....

«Do Século XIX até nossos dias, três grandes nomes ficarão na história da arte: Columbano, Malhoa e ele.

Pode dizer-se sem exagero que, com o artista que desaparece, morre a aquarela portuguesa. Não a que muitos consideram um género menor, nem aquela que busca no impressionismo e nos motivos anedóticos de pequenas dimensões, a sua razão de ser, mas a aquarela de grande fundo, forte, vigorosa, vibrante, com todos os segredos e magias orquestrais da cor, quadro completo, senhora da sua beleza e da sua individualidade, que vivia por si e que, como nenhuma outra, nos dava a imagem de Portugal.

Roque Gameiro foi sempre igual a si próprio.

Era um português de estirpe que trabalhava no silêncio santificado pela pureza da sua alma.

Se não fosse um artista, teria dado um santo.

Ninguém como Roque Gameiro amou mais entranhadamente a nossa terra.

Se como artista foi exemplar, como homem o seu carácter foi uma constante de bondade e ternura».

De RAUL LINO, no catálogo da Exposição do 1.º centenário do nascimento do artista.

.....

«Do muito que devo a meu Pai pelo que fez pela minha educação, uma das coisas por que lhe fiquei mais grato foi o ter-me levado a conhecer Roque Gameiro, que ele previa ser para mim um companheiro ideal.

Não se enganava.

O artista tinha mais quinze anos que eu. Ele era um apaixonado da Natureza, um temperamento saudável que vivia da perene admiração das maravilhas e mistérios que nos rodeiam, numa espécie de panteísmo de que eu compartilhava. O seu amor pelas coisas portuguesas genuínas reforçava no adolescente que nesse tempo eu ainda continuava a ser, o furor trazido lá de fora para conhecer melhor a minha terra que, quando estudante na Alemanha, já aprendera a amar.

Entendíamos-nos muito bem. Aproveitávamos domingos ou feriados para percorrer arredores de Lisboa ou regiões do Alentejo, porquanto o pouco tempo livre que tínhamos e o meio individual de transporte de que dispúnhamos — que eram as bicicletas — não nos permitiam ir mais longe. Mas as nossas vidas prenderam-nos para sempre à capital e foi assim que o meu grande Companheiro acabou por ser o poeta que nas suas aguarelas melhor soube cantar e... cantarolar os encantos e os recantos da nossa amada Lisboa antiga.

Perdõe-se-me não ter sabido apagar mais a minha pessoa nos entre-laços desta pequena silva ditada pela saudade!».



RETRATO DA MÃE DO ARTISTA



A PEDRA DE PAPÓA-BERLENGAS



O ARCO DA PRAIA DA ADRAGA



RAPAZES BRINCANDO NA FOZ,—NAZARÉ

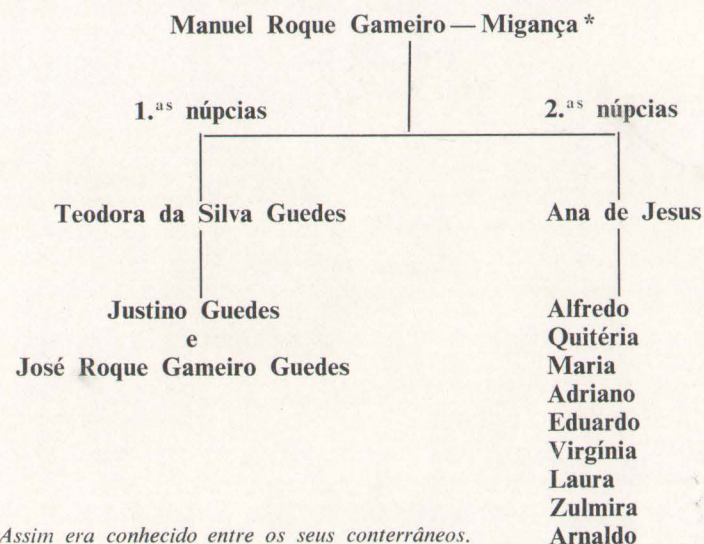


S. PEDRO DO SUL



RETRATO DE RAQUEL,—FILHA DO ARTISTA

## OS PAIS E OS IRMÃOS DE ROQUE GAMEIRO



\* Assim era conhecido entre os seus contemporâneos.

ANA DE JESUS E MANUEL ROQUE GAMEIRO (MIGANÇA)



## NOTAS BIOGRÁFICAS

Nasceu a 4 de Abril de 1864.

Foi para Lisboa em 1878.

Casou, em 1888, com D. Maria da Assunção de Carvalho Roque Gameiro.

Frequentou a escola de Artes e Ofícios de Leipzig em 1893.

Foi nomeado professor da Escola Industrial Príncipe Real em 1894.

Foi o primeiro director da Escola de Artes Decorativas António Arroio.

Dirigiu a parte gráfica da «História da Colonização Portuguesa no Brasil» em 1921.

Foi galardoado, em 1900, com Medalha de Ouro na Exposição de Paris e com Medalha de Honra na Exposição de Barcelona.

Foi nomeado Cidadão de Lisboa tendo recebido a Medalha de Ouro da Cidade em 1934.

Faleceu em 5 de Agosto de 1935 com 71 anos.

## FILHOS E GENROS DE ROQUE GAMEIRO

### RAQUEL ROQUE GAMEIRO

Nasceu em 1889.

Aos 14 anos ilustrou os «Contos para Crianças» escritos por Ana de Castro Osório.

Expôs pela primeira vez na Sociedade Nacional de Belas-Artes, ganhando, em 1909, uma Menção Honrosa, e, depois doutros prémios, a Medalha de Honra, em 1930.

Fez uma exposição das suas obras em Londres com o patrocínio do embaixador Dr. Ruy Ulrich em 1935, tendo na mesma data a honra de ser convidada a expor na Society of Women Artists.

Concorreu à Exposição de Artistas Portugueses organizada pelo Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, em 1945.

Concorreu ao Salão Internacional de Aguarela Hispano-Português em Madrid, 1945.

Em concurso aberto pela Imprensa Nacional para desenho do Ex-libris daquela Imprensa, em 1925, ganhou o primeiro e segundo prémios.

Ilustrou livros de grandes nomes da literatura portuguesa, e foram suas também as ilustrações do primeiro «Livro Único» editado pelo Ministério da Educação Nacional.

Autora do primeiro «Livro do Bêbé», que conta já cinco edições, colaborou em números especiais do «Diário de Notícias», «O Século», «O Comércio do Porto», e em «Os Serões», «Eva» e muitas outras publicações periódicas. Faleceu em 3 de Outubro de 1970.

#### MANUEL ROQUE GAMEIRO

Nasceu em 12 de Abril de 1892.

Como aguarelista pintou principalmente paisagem, tendo ganho a medalha de 2.<sup>a</sup> classe na Sociedade Nacional de Belas Artes, assinando os seus trabalhos com o nome de «Migança», em homenagem a seu avô.

Colaborou como caricaturista em vários jornais humoristas, e nos últimos anos, influenciado pelas correntes avançadas da Arte, expôs nos salões dos Independentes várias pinturas de feição moderna.

Foi gravador do Instituto Geodésico e Cadastral.

Faleceu em 25 de Setembro de 1944.

#### HELENA ROQUE GAMEIRO

Nasceu em 1896. Expôs pela primeira vez, com 14 anos, na Sociedade Nacional de Belas Artes.

Pintora de rara dignidade profissional tocou todos os assuntos com a mesma simplicidade e segurança de factura.

Se se distinguiu como grande pintora de flores, as suas paisagens, interiores e naturezas mortas são sempre cheias de frescura, intimidade e graça.

Concorreu à Exposição de Artistas Portugueses organizada pelo Ministério da Educação. Em 1920, foi, com seu pai, ao Brasil, onde as suas Exposições, tanto no Rio como em S. Paulo, obtiveram grande êxito. Tem quadros nos museus de S. Paulo e Rio de Janeiro.

Em 1923, enviou trabalhos seus para uma exposição de Aguarelistas Portugueses que se realizou em Madrid, tendo aguarelas suas sido adquiridas pelo Museu de Madrid e pela Casa Real Espanhola.

Foi durante muitos anos professora e directora das oficinas de trabalhos femininos da Escola António Arroio. Foi agraciada com a Ordem de Instrução Pública. Em 1947 as suas alunas prestaram-lhe uma calorosa homenagem.

Fez as suas últimas exposições no SNI, em 1947, e em 1950, no Porto.

#### JOSÉ LEITÃO DE BARROS

José Leitão de Barros nasceu em Lisboa em 1896.

Casou, em 1923, com Helena Roque Gameiro.

Faleceu em 29 de Junho de 1967.

Frequentou a Escola de Belas-Artes, tendo concluído o curso da Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa.

Vivendo num ambiente familiar de intensa tradição artística, por formação e vocação, as artes plásticas — especialmente a aguarela, de que foi mestre reputado — figuram entre as preocupações primeiras no campo de sua actividade, realizando várias exposições, tendo alcançado uma primeira medalha como pintor, achando-se obras suas em museus portugueses e no Museu de Arte Contemporânea, de Madrid, cidade onde expôs, tal como em Londres e no Rio de Janeiro.

A vida de Leitão de Barros, homem duma extraordinária e polifacética acção, foi invulgarmente fértil em intervenções de valor no Jornalismo, no Teatro e no Cinema.

Foi um pioneiro do cinema português.

No tempo do cinema mudo realizou entre outros o filme *Nazaré, Praia de Pescadores*, que ainda hoje é visto com agrado em retrospectivas do cinema nacional. Mais tarde *Ala Arriba* é premiado com a taça da Bienal de Veneza. Com o filme *Camões* obtém notável sucesso pois conseguiu com inteligência e talento contar a vida do grande poeta apresentando uma biografia de apreciável rigor histórico e alto nível artístico.

Organizou belas reconstituições históricas, principalmente alguns cortejos que desfilaram pelas ruas de Lisboa constituindo autênticas lições de História oferecidas ao povo.

Nos últimos anos da sua vida alcançou enorme êxito com a sua secção «Os Corvos» no «Diário de Notícias», onde escreveu crónicas da vida de Lisboa cheias de humor e poesia.

O seu grande sonho, que infelizmente não conseguiu concretizar, era a construção de «Nau S. Vicente», que seria uma reconstituição de um galeão das Índias e serviria de cartaz itinerante do comércio e indústria do nosso país.

Era comendador da Ordem de Sant'Iago da Espada e Grande Oficial da Ordem de Cristo.

#### MÂMIA ROQUE GAMEIRO

Nasceu em 7 de Setembro de 1901.

Foi discípula da pintora Mily Possoz.

Expôs na S.N.B.A. quadros de guaches e desenhos. Em 1925 fez uma exposição de pintura a óleo, apresentada pelo arquitecto Raul Lino.

Ilustrou vários livros infantis, e dedicou-se especialmente ao ensino de desenho às crianças.

Também trabalhou em esmaltes de Limoges e pintura em esmalte, e fez desenhos de histologia para os Professores Carlos França, Marck Athias e Francisco Gentil, sendo estes trabalhos apreciados particularmente no estrangeiro, por especialistas deste género.

#### JAIME MARTINS BARATA

Nasceu em 7 de Março de 1899 em Póvoa e Meadas, distrito de Portalegre.

Casou, em 1926, com Mâmia Roque Gameiro.

Faleceu em 15 de Maio de 1970.

Fez o Curso da Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa e algumas cadeiras da Escola de Belas Artes.

Exerceu o ensino liceal de 1921 a 1947, data em que foi convidado para Consultor Artístico dos CTT, cargo que exerceu até 1968. Como Professor liceal publicou alguns livros de ensino do Desenho, foi Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, membro da Junta Nacional da Educação e colaborou em algumas reformas de programas de ensino.

Como Consultor Artístico dos CTT, a sua acção incidiu especialmente na orientação e modernização do selo postal, que adquiriu internacionalmente grande prestígio no campo estético-filatélico.

Exerceu, até cerca de 1935, uma grande actividade de ilustrador de livros e revistas, como «ABC» e «Ilustração Portuguesa» e ainda de «Domingo Ilustrado» e «Notícias Ilustrado», de que foi, com Leitão de Barros, um dos fundadores.

Como Artista dedicou-se, na mesma época, à aguarela, estando representado em Museus nacionais, no de Madrid e no do Rio de Janeiro, tendo obtido medalhas de Honra, de ouro e de prata.

A sua maior atenção voltou-se para a decoração mural, tendo-se dedicado ao estudo aprofundado da técnica do «buon-fresco». Na sua obra de decorador contam-se as pinturas murais, a óleo ou a têmpera, na Exposição de Sevilha (1931), Exposição do Mundo Português (1940), na Assembleia Nacional (1944), no Conservatório Nacional de Música (1946), no Instituto Português de Oncologia (1952), no Ministério das Corporações (1954), no Tribunal de Contas (1955), na Igreja de S. Tiago na Covilhã (1956), no Paquete Funchal (1960), no Palácio de Justiça de Gouveia (1964) e no Banco Nacional Ultramarino (1964). Devem-se-lhe também os frescos na Igreja de Santo Eugénio de Roma (1951), nos Palácios de Justiça de Santarém (1954), de Vila Real de Trás-os-Montes (1956), de Montijo (1958), do Porto (1961), de Aveiro (1962), de Olhão (1963), de Vila Franca de Xira (1964), de Fronteira (1966), de Castelo Branco (1968), de Vila Pouca de Aguiar (1969) e do Reformatório do Bom Pastor, em Viseu (1957).

Era membro da Academia Nacional de Belas Artes, Grande Oficial de Sant'Iago da Espada e Oficial da Ordem Pontifícia de S. Silvestre.

#### RUY ROQUE GAMEIRO

Nasceu a 27 de Fevereiro de 1907.

Fez exame de admissão à Escola de Belas Artes em 1921, e terminou o curso em 1928 com a prova intitulada «Abel e Caim» classificada com 15 valores.

Expôs pela primeira vez na S.N.B.A. em 1929 apresentando a estátua «Salomé» e a representação escultórica da cabeça do pintor José Tagarro, a qual foi adquirida para o Museu de Arte Contemporânea.

Foi autor de monumentos aos mortos da Grande Guerra erguidos em Abrantes e em Lourenço Marques. Das obras que realizou na sua breve existência, a principal foi o projecto do monumento ao Infante de Sagres, cujo pormenor em tamanho definitivo foi levado à Exposição de Paris em 1938 e à de New York em 1939.

Ruy Roque Gameiro faleceu com sua esposa num desastre de viação no dia 18 de Agosto de 1935, treze dias depois de seu pai.

O espólio do artista foi pela família entregue à Escola de Belas Artes para instituir um prémio anual ao aluno mais distinto.

No Museu Roque Gameiro encontra-se exposto o primeiro esboço do monumento ao Infante D. Henrique.

## NOTAS SOBRE O MUSEU

- A — À entrada, encimado pelo lema do artista, «Honra teus avós», e em face do retrato de Manuel Roque Gameiro, vê-se uma alusão à principal actividade agrícola da região, a oleicultura: velhas talhas e vasilhas usadas e que os modernos processos tornam dignas de arquivar.
- B — Quase todas as famílias de Minde tinham o seu tear, tal como se vê reproduzido numa aguarela de Raquel Roque Gameiro, e reconstituído nesta sala. Algumas peças que figuram nesta reconstituição, pertenceram à família Roque Gameiro.
- C — A cozinha tem as características usuais da terra: a lareira, a cisterna e a cantareira. Os barros e cestos não são todos desta região mas de vários pontos do país, e pertenciam a uma colecção documental que a família reuniu.
- D — Numa das vitrinas, uma colecção de moedas da II e IV dinastia. Vê-se também uma colecção de fósseis da era secundária, com cerca de 170 milhões de anos, encontrados na vertente leste do Planalto de St.º António, na base da qual se encontra a vila de Minde. Ao fundo, recordações dos irmãos de Roque Gameiro.
- E — À esquerda, traje de Santo Tirso, que serviu de modelo para uma das figuras de «As Pupilas do Senhor Reitor», e à direita traje completo de sala do século XVIII que figura no quadro *A volta do mercado*. Este fato tem valor documental, bem como outras peças de vestuário que se encontram guardadas no Museu, e que faziam parte de uma colecção do artista. Expostos também esboços para as ilustrações de «As Pupilas do Senhor Reitor».
- F — Lugar esconso onde se situava o quarto em que nasceu Roque Gameiro. Exposta a candeia de azeite que alumiu o seu nascimento, rodeada por obras de pintura, escultura e desenho de seus filhos, genros, de sua neta Guida Ottolini e de suas sobrinhas Hebe Gomes e Vera Guedes Bordalo Pinheiro Gomes.
- G — Originais das ilustrações de «As Pupilas do Senhor Reitor» de Júlio Dinis. Estas ilustrações pertencem actualmente à fundação Calouste Gulbenkian. A edição de luxo marcou na sua época um triunfo do trabalho de colaboração dos dois irmãos, Alfredo e Justino, nas oficinas de A «Editora».

H — Nesta sala algumas das melhores obras do artista. O retrato de sua mãe, premiado em todas as exposições a que concorreu, pode considerar-se único não só pela qualidade como pelo que o artista conseguiu com a técnica de recursos limitados da aguarela.

Um retrato de Roque Gameiro pelo pintor Abel Manta evoca-nos fortemente a presença do Mestre.

I — Nesta pequena sala curiosas recordações e cartas trocadas entre os dois irmãos, que se referem aos processos de artes gráficas que os dois introduziram em Portugal e que documentam uma época.

A adaptação da casa para instalação do Museu foi planeada pelo arquitecto José Pedro Roque Gameiro Martins Barata, neto do artista.

## A INDÚSTRIA REGIONAL

A Igreja, com os seus Institutos e Ordens religiosas, foi na Idade Média a grande factora da cultura humana em todos os ramos e sectores.

Entre eles contavam-se as artes e ofícios como os que mais eficazmente valorizavam as populações.

Frades arrábicos presentes no convento que existiu em Minde parece estarem na origem da indústria regional da tecelagem.

A região foi propícia aos bons frades para desenvolver a sua acção, pois estavam perante um povo operoso, vivaz, e sempre desperto para o trabalho e para a luta.

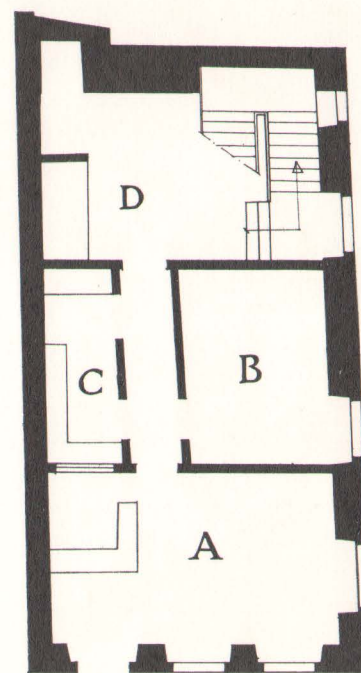
Assim se foi radicando cada dia mais a arte de negociar e de trabalhar a lã, entre os varões, e o jeito «oficinal» para a tecelagem das mantas, entre as mulheres.

A «manta mindérica», a antiga manta dos pastores alentejanos, com as cores naturais da lã castanha e branca, foi durante muito tempo chamada «manta alentejana»... Depois, a habilidade natural do povo levou ao desenvolvimento as possibilidades industriais. Assim apareceram os motivos decorativos complicados, e com eles os novos processos de tinturaria, expressos agora na garridice das actuais mantas ditas «ribatejanas» e fabricadas em Minde.

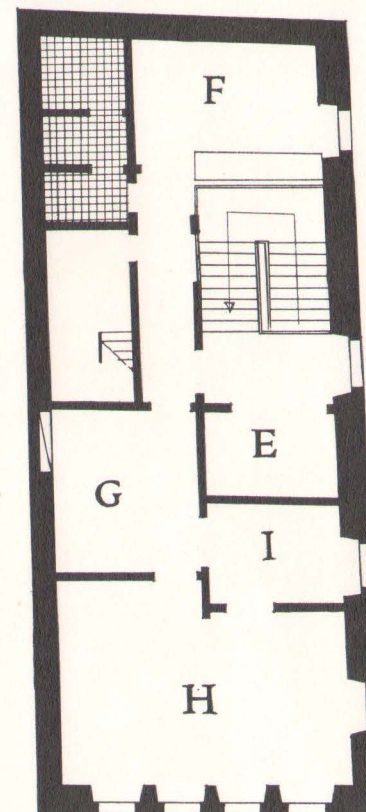


ESTUDO PARA «O VIRA»

## PLANTA DO MUSEU



1.º PISO



2.º PISO

Composto  
e impresso  
na  
Neogravura, Lda.  
Lisboa  
1970